

PACO  EDITORIAL

Ulysses Rocha Filho
Maria José dos Santos
(Orgs.)

Prêmio
Flor do Ipê

CONTOS

Antologia 2017



LetrasdoCerrado
EDITORA UNIVERSITÁRIA

Ulysses Rocha Filho
Maria José dos Santos
(Orgs.)

Prêmio
Flor do Ipê

CONTOS

Antologia 2017


LetrasdoCerrado
EDITORA UNIVERSITÁRIA

PACO  EDITORIAL

Conselho Editorial

Profa. Dra. Andrea Domingues	Prof. Dr. José Rubens Lima Jardimino
Prof. Dr. Antônio Carlos Giuliani	Prof. Dr. Juan Droguett
Prof. Dr. Antonio Cesar Galhardi	Profa. Dra. Ligia Vercelli
Profa. Dra. Benedita Cássia Sant'anna	Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes
Prof. Dr. Carlos Bauer	Prof. Dr. Marco Morel
Profa. Dra. Cristianne Famer Rocha	Profa. Dra. Milena Fernandes Oliveira
Prof. Dr. Cristóvão Domingos de Almeida	Prof. Dr. Narciso Laranjeira Telles da Silva
Prof. Dr. Eraldo Leme Batista	Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins
Prof. Dr. Fábio Régio Bento	Prof. Dr. Romualdo Dias
Prof. Dr. Gustavo H. Cepolini Ferreira	Profa. Dra. Rosemary Dore
Prof. Dr. Humberto Pereira da Silva	Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus
Prof. Dr. José Ricardo Caetano Costa	Profa. Dra. Thelma Lessa
	Prof. Dr. Victor Hugo Veppo Burgardt

©2022 Ulysses Rocha Filho; Maria José dos Santos

Direitos desta edição adquiridos pela Paco Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão da editora e/ou autor.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C781

Contos e poemas: antologia 2017 / organização Ulysses Rocha Filho, Maria José dos Santos. - 1. ed. - Jundiaí [SP] : Paco, 2022.

88 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-462-2181-3

1. Contos brasileiros. 2. Crônicas brasileiras. 3. Poesia brasileira. 4. Literatura brasileira. I. Rocha Filho, Ulysses. II. Santos, Maria José dos.

23-81963

CDD: 869

CDU: 821.134.3(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

PACO  EDITORIAL

Av. Carlos Salles Block, 658
Ed. Altos do Anhangabaú, 2º Andar, Sala 21
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100
11 4521-6315 | 2449-0740
contato@editorialpaco.com.br

Foi feito Depósito Legal

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO

Reitora

Roselma Lucchese

Vice-Reitor

Cláudio Lopes Maia

Coordenador da Editora Letras do Cerrado

Bruno Gonçalves Borges

Comissão Organizadora do 3º Concurso de Contos de Poemas

Flor do Ipê - Antologia 2017

Silvana Augusta Barbosa Carrijo

Ulysses Rocha Filho

Comissão Julgadora

Antônio Fernandes Júnior

Camila Santin Calçada Silva

Fabianna Simão Bellizi Carneiro

Ionice Barbosa de Campos

Isabel Cristina Campos Balog

Jaqueline Cunha

João Batista Cardoso

Karine Rios

Leíza Rosa

Maria Imaculada Cavalcante

Paulo Pazz

Raphaela Pacelli

SUMÁRIO

Apresentação 7

Contos Juvenis

Ontem, no parque, estive 11

Arthur Liberali Paes

A Cachoeira dourada 15

Maria Fernanda França de Oliveira

Contos Adultos

Um pássaro no país das pedras 25

Tainá Camila dos Santos

A Metade Oculta da Diva 31

Óscar Gomes Fernandes

Eva e a outra maçã 43

Maria do Socorro Alagia Vaz Leandro

Dona Maudi 45

Frederico Salmi Pereira

O revés do sábio 47

Wanderley de Jesus

APRESENTAÇÃO

É com alegria que anunciamos a publicação desta antologia que reúne, mais uma vez, contos e poemas escolhidos segundo uma seleção criteriosa que levou em conta a estilística, a estrutura textual e, sobretudo, a criatividade empregada no processo de escrita. Na sua terceira edição, o Concurso Flor do Ipê, realizado pela Universidade Federal de Catalão, por meio da Editora Letras do Cerrado, da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e do Instituto de Estudos da Linguagem, agradece a ampla receptividade e participação de autoras e autores que confiaram suas escrituras ao trabalho desempenhado pela comissão responsável pelo concurso. Foram mais de 320 inscrições oriundas de diversas partes do país e também de fora, a exemplo de Moçambique, Portugal e até do Japão, das quais resultou a composição desta antologia, reunindo sete contos e onze poemas que expressam o brilhantismo, a sensibilidade, a originalidade da produção literária e sua íntima relação com a capacidade de promover encontros, sentidos e sensações.

**CONTOS
JUVENIS**

Ontem, no parque, estive

Arthur Liberali Paes

Caminhava. A grama selvagem tentava, inutilmente, rasgar meus pés. A antiga pista de corrida, na base do morro, era agora um mausoléu de lembranças. Listras pintadas: azuis, verdes, vermelhas e amarelas, dessaturadas, sobravam no chão, depois de um combate. Paredes cinzas, mas familiares, erguiam-se da terra como monólitos sobreviventes dos anos. O gosto da terra, da adrenalina, do suor, escorrendo da testa pubescente vindo dos cachos loiros que minha mãe tanto gostava, escapava por entre as rachaduras do antigo pódio. Um templo jovial, uma ode aos extremismos juvenis, agora em ruínas. Corujas marrons e brancas sobrevoavam-no. Faziam dele não seu ninho, mas seu espaço de ócio. Ficavam horas imóveis, pousadas em finos postes de madeira contornados da grade já enferrujada, torta de tantos verões. Olhos para sempre abertos, até se fecharem. Voaram.

Tudo estava a meus pés. Do topo daquela pequena montanha, descendente da dinastia dos gigantes, via o planeta todo: depois das pistas, até as plantações de soja; que se estendiam eternamente, como tapetes que cobriam o piso ferido do mundo, como muros que revestiam as paredes do universo, majestosas como sempre foram, isolantes como sempre foram, opressoras como sempre foram. Grandes hastes metálicas irrigadoras cobriam aquele verde. Pingavam-no água. Eram como Geb e Nut: amantes proibidos bloqueados pela distância. Um gotejando no outro. Líquido do cano descia a terra. Vapor saía da folha, batia no alumínio e subia. Precipitava das nuvens, no metal, descia. A tragédia do romance autossuficiente.

De lá, vi o Sol. Era Rei.

Ao encontro dele, corri. Pés ligeiros, delicados, descalços, afagavam a descida da ladeira. As pedras desprendidas, em pro-

testo, manchavam meus pés de vermelho. Os calos e as cicatrizes brotavam. Eram cristais subcutâneos que viam a luz. A terra entrava entre as unhas (não aparadas por esquecimento). O vento balançava meus braços, tremia minhas pernas, conduzia meu rosto ao horizonte, em frente, em frente, em frente. Sempre em frente. Ele me prendia em grilhões invisíveis, insensíveis e incolores. Um transe multissensorial, pagão, cujos tambores se transformavam no ritmo da minha marcha *andante* e na pulsação constante da minha garganta. Da garganta, ressoava em meu crânio. Descia. Dava voltas por todos os sistemas da biologia. Ecoava em meus pulmões: vinha como a única palma em um teatro clássico, que, de repente, sopra a plateia, derruba os domínios, motivando-os, e o pequeno quarto se enche do farfalhar dos aplausos, saudando a primeira cantata do concerto.

Descia, então, mais ainda: no fígado embebido de poções alquímicas amadoras e proibidas, hermetismos baratos, de gosto deplorável, mas transgressores e, acima de tudo, extremamente divertidos. Enfim, caía ao sexo, predador e presa, morno, quente e frio, desmanchando-se em fragmentos que desciam aos pés e, logo depois, estavam sentados à direita da boca.

O som dos mantras, desse estado onírico peculiar, metamorfoseava-se em um acorde, ao mesmo tempo, calmo e agressivo, o qual estava, para mim, em infinita fermata. Provinha do vento, da chuva, do cachorro, do osso, da folha rasgada, da muda crescente, da nuvem rasante, da poça marrom, do céu ultramar, das calças alargadas, da moeda presa entre os dedos, da saliva escorrendo entre os dentes, do gambá à espreita, do pato em migração, das areias da construção. De mim.

Escorria toda minha alma até o queijo. Exausto, parei.

Estava muito além das pistas. Agora, eram sinais distantes à sombra do monte de terra. O que se mostrava à minha frente, sobretudo, era uma tempestade. As *cumulus* assombravam minha

cabeça e faziam até a planta mais resistente curvar-se a seu mando. O vento, que até então tinha servido de meio de transporte ao meu mundo de imperador, fazia-se, naquele momento, distante, alheio aos meus reclames do frio intenso que se instalava.

Os pingos vieram logo. Como pequenos chicotes sádicos, feriam o que tocavam, uma vez, depois outra, outra, outra, ou, tra, ou, tra, o, u, tr, a, o, u, tr, a. Não mudavam suas forças. Um constante compasso de colcheias em *staccato*, no qual mais vozes eram adicionadas a cada segundo. Por fim, uma orquestra inteira de notas avulsas, pulsantes, pequenas, mas poderosas, rompiam o silêncio bucólico.

Refugiei-me numa espécie de pavilhão, provavelmente usado para sediar leilões bovinos. O telhado furado causava violentas cascatas naquele chão, o qual começava a ser invadido pelo lixo deixado no gramado por visitantes descuidados (muitas vezes, propositalmente, conhecia muito bem de quem se tratavam). A relva cantava hinos de tristeza. As gotas invasoras massacravam as flores, as quais, tombadas ao chão, eram enterradas em funeral anônimo, por galhos atingidos pelos raios. Eu testemunhava todo aquele caos, semiprotégido por uma porta estrategicamente posicionada perto dos fundos do prédio. Digo “semi”, pois o vento trazia o frio e a água até mim. Era impossível escapar. Detive-me por alguns instantes e, através de motivo desconhecido, o barulho hipnótico da chuva avassaladora fez-me adormecer.

Não sonhei.

Acordei com dores nas costas e com a luz sangrenta da caruagem de Apolo em queda terminal, fuzilando meus olhos, iluminando o campo de batalha. Latas de lixo viradas, árvores caídas, chapéus perdidos e folhas levadas. As nuvens, acima disso tudo, quase eram inexistentes. Restos de poeira angelical. Atrás de mim, a escuridão sem lua se aproximava. A tempestade deixou a cidade inteira sem luz.

O sol se desfez, então, no dourado envelhecido da soja. Caiu. Despencou graciosamente. Uma pluma, descendo lentamente à água do lago, desprendida de um cisne assassinado por caçador esfomeado. Desviei meu olhar nos justos instantes que antecederam o desaparecimento total do astro. O negrume rapidamente se instaurou.

Caminhando, enfim, no fim daquele dia, no fim daquela vida, deixei, para sempre, o parque da minha existência.

A Cachoeira dourada

Maria Fernanda França de Oliveira

Era uma vez duas meninas, elas se chamavam Helena e Alice. Alice era a mais medrosa, ela tinha cabelos pretos e olhos verdes; Helena era a mais esperta, gostava de aventuras e nunca desistia de nada, ela tinha cabelos loiros e olhos azuis; elas adoravam brincar de esconde-esconde; então certo dia, Helena pediu para Alice contar até dez, ela contou e então Helena se escondeu, não percebendo que estava entrando em uma floresta.

Pegou o caminho esquerdo e encontrou uma cachoeira e disse:

— Que linda a cachoeira!

Então, a cachoeira começou a brilhar, Helena estava perdida não sabia onde estava e não sabia o que fazer no meio de um lugar desconhecido.

— Nossa! Parece uma cachoeira mágica!

Quando Helena falou aquilo a cachoeira começou a falar, Helena se assustou.

— Eu sou a cachoeira mágica eu falo com as pessoas que nunca desistem.

Então pensou no que a cachoeira falou e refletiu sobre as coisas da vida dela em que nunca tinha desistido.

— Então...se você fala, você pode ser do mal!

A menina começou a ficar apavorada, começou a olhar para os lados e ver para aonde ela poderia fugir daquele lugar.

— Não fuja! Exclamou a cachoeira para ela.

Helena ficou assustada e mesmo assim ela fugiu.

Alice estava muito preocupada com a sua irmã. Helena apareceu, pegou a mão de Alice e foi correndo para a cachoeira. Quando chegaram, falou assim para sua irmã:

— Olha só irmã, esta é uma cachoeira mágica.

Alice, com uma voz que soava com estresse e de uma certa forma desapontada, disse:

— Mas não tem nada de interessante aqui.

— Espera, Alice, ela não brilha muito rápido.

Enquanto isso, na casa delas...

— Helena, Alice, onde vocês estão?!

A mãe estava tão preocupada, pensando que elas foram sequestradas.

Enquanto a mãe procurava, viu pingos de geleia por toda a calçada, ela pensou que era um sinal, mas não era, porque na hora do almoço de ontem, na sobremesa tinha geleia e todos comeram na varanda.

Continuando na cachoeira...

— Olá, Helena, parece que você trouxe a sua irmã!

— É, eu trouxe.

— Se vocês não se importam, quero mostrar a vocês uma coisa.

— O que seria? — Com curiosidade, disse Alice.

— Fechem os olhos.

As meninas fecharam, ficaram assim por uns cinco minutos e começaram a se irritar. Por Alice ser um pouco mais estressadinha, já foi falando sem pensar:

— E aí, vai ser hoje ou amanhã que iremos ver essa coisa que você disse que quer nos mostrar!

— Pare de reclamar, Alice! — Disse a cachoeira sem nenhum pingo de compaixão pela espera das meninas.

— Ok, ok, ok! Podem olhar!

Elas apareceram em um lugar diferente, parecia uma cidade debaixo da água, muito bonita por sinal, as águas daquela cidade eram muito claras, tinha um azul muito bonito. Tinha conchas para todos os lados, as casas eram formadas por conchas maiores, como as de caramujo só que bem mais bonitas e maiores. Tudo aquilo parecia um sonho. As meninas ficaram surpresas.

— Uau! Estamos debaixo da água.

— É mesmo, Helena, mas por que estamos aqui?

Então apareceu um cavalo-marinho.

— Olá meninas, espero que tenham gostado da surpresa.

— Então onde nós estamos? E quem é você?

— Vocês estão no lago encantado, meu nome é Singdin, sou o guardião do lago encantado e tenho uma nova aventura para vocês: conseguir achar o golfinho desaparecido.

— Legal, mas como nós vamos encontrar o golfinho?

— Vocês vão saber.

Singdin sumiu e as deixou com essa missão.

E Alice fala meio incomodada:

— Então vamos, Helena.

— Mas antes vamos avisar para a mamãe que estamos aqui.

— Melhor não, porque ela não vai acreditar e também nós não vamos poder voltar nem sair, porque o portal acabou de fechar. E vai abrir só quando acabar essa missão.

— Tá bom, então vamos. Elas estavam superanimadas com tudo isso e iriam contar essa história para todos. Mas, como previsto, ninguém ia acreditar em uma história dessas.

Elas encontraram dois golfinhos pelo caminho.

— Ei, Helena, olha aqueles golfinhos devem ser amigos do golfinho desaparecido!

— É verdade! Vamos perguntar para eles qual é o nome do golfinho e o nome deles, é claro.

— Vamos lá!

— Olá golfinhos. Vocês são amigos de um golfinho que está desaparecido? É que ele sumiu e ninguém sabe onde ele está!

— Sim, nós somos; não precisava ter explicado porque nós estamos também na procura. Querem uma carona?

— Mas como se aqui não tem nenhum carro?

— Aqui não tem esse negócio de carro, é só você subir e segurar em nossas barbatanas.

— Ah, tá!. Então vamos?

— Adiante! Disse o golfinho todo animado.

Enquanto eles estavam na viagem, Alice perguntou o nome do golfinho desaparecido e o nome deles.

— Meu nome é blue e o meu sasha e do desaparecido Pink.

— E como a Pink é?

— Cor de rosa, ela é brilhante!

— Ué, estou vendo alguma coisa brilhante ali!

— Vamos lá, rápido!

Ah não, era só um cavalo-marinho brilhante.

Elas chegaram em uma trilha feita de pedras e decidiram parar ali e começar a andar, e tiveram que se despedir dos golfinhos.

— Adeus, se vocês tiverem notícias nos avisem, está bem? — Disse Alice um pouco triste por deixá-los.

— Tá bom! E se quiserem nos chamar, nos chamem com essa concha, é só assoprá-la.

Enquanto isso, na casa delas...

— Ó meu Deus, o que eu faço? Elas desapareceram. Eu chamo a polícia ou fico gritando o nome delas? Hum... acho que prefiro a opção 1, vou telefonar para lá.

— Ai não! Esqueci o número da polícia; já era, vou procurá-las eu mesma.

Na cachoeira....

Helena e Alice começaram a andar, andar e andar, estavam ficando cansadas, mas, quando estavam prestes a parar para descansar um pouco, viram uma gruta que era dos policiais marinhos, elas foram correndo até lá e foram perguntar a eles, se sabiam do golfinho. Elas desde pequenas aprenderam que quando você precisa de ajuda e está em um lugar maior e sem alguém conhecido para pedir ajuda, é sempre bom se dirigir a polícia ou a alguém mais velho que elas, é o melhor a se fazer.

— Oi, nós estamos procurando um golfinho chamado Pink, você o viu?

— Ah, claro! Ele está aqui.

— Mas por quê?

— Ué, você não sabia que ele cometeu um crime? Ele estava caçando um peixe.

— Não, não sabia, mas isso é bem normal, não é um crime, isso só é a cadeia alimentar.

— Mas o que é cadeia alimentar?

— Alice, deixa eu falar?

— Claro.

— Cadeia alimentar é uma sequência que liga organismos por meio das relações de alimentação. Essa cadeia é formada por produtores, consumidores e decompositores.

— Você pode explicar de um jeito mais claro de entender? É que eu não entendi muito bem.

— Bom é o seguinte: *Na natureza tudo é muito dinâmico...*

A todo momento os seres vivos estão se relacionando. Se tivermos a oportunidade de observar, mesmo que seja por pouco tempo, os seres vivos que estão em um jardim ou em uma praça, teremos mais clareza do que ocorre: um gafanhoto pousa em uma folha em busca de alimento, mas a qualquer momento pode chegar um pássaro que também verá no gafanhoto uma opção para seu almoço... Daqui a pouco aparece um gato, que, como você sabe, pode transformar o pássaro em sua refeição e assim se dá o ciclo da vida...

Todos os seres vivos precisam se alimentar...

Uma das principais características dos seres vivos é a necessidade de alimento e a fonte de alimentação da maioria dos seres vivos é outro ser vivo. Somente as plantas conseguem fugir dessa regra, pois elas conseguem produzir seu próprio alimento utilizando os nutrientes do solo e a energia da luz do sol. Este processo que a planta realiza chama-se fotossíntese.

Essa rede de relações alimentares entre os seres vivos é chamada de cadeia alimentar, e o equilíbrio do meio ambiente depende muito dela.

— Caramba! Eu não imaginei que era assim!!

— É assim mesmo!!

Então por que você não a solta?

— Bem isso não é comigo, é com o juiz.

— Nós podemos entrar lá?

— Claro!! Eu levo vocês.

Elas chegaram até lá e o policial as deixou na porta do tribunal aquático.

Ficaram assustadas para conversar com o juiz, Helena entrou e logo depois Alice.

Helena disse para o juiz que Pink era inocente porque é normal caçar peixe, porque é a cadeia alimentar.

O juiz falou:

— Você tem razão, ela é inocente; isso só é a natureza.

E depois de tudo isso, Helena resolveu fazer um discurso para todos os peixes e seres aquáticos que estavam naquele local, e esse discurso foi muito aplaudido e lembrado por todos.

— Todos os cidadãos dessa cidade devem ter a consciência de como é a natureza e de como ela sobrevive. Vejam exemplo do que acabou de acontecer com o golfinho, ele foi julgado por fazer uma coisa que na verdade não estava errada; isso só acontece por causa da falta de conhecimento das pessoas em relação aos cuidados ambientais, com isso tenho a dizer que todos devem estudar e aprender, para ninguém cometer erros na vida. Obrigada!

Alice ficou até emocionada dessas palavras e disse:

— Helena, agora precisamos levar a Pink e ir para casa, se não, já era! A mamãe vai ficar doida de preocupação.

— Então vamos rápido.

— Pega a concha para chamar os golfinhos.

— Tá bom.

— Rápido!

— Pronto, eles estão vindo.

— Venham subam na gente e vamos levá-las até a superfície.

— Ok.

Elas foram e deram tchau.

E correram até a casa delas.

— Vamos, vamos, Helena, corre!! NÃO, espera a mamãe está vindo!!

— Finge que está andando de volta depois de uma... hmm...

Caminhada!

— Ok. Vamos.

— Oi, mãe! As duas falaram juntas.

— Onde vocês estavam?! Eu estava morrendo de preocupação!

— Nós estávamos caminhando, só isso!

— Certo... fiquei preocupada. Então vamos entrar meninas.

— Disse com cara de desconfiada, mas aliviada.

— Nós já vamos!

A mãe entrou em casa e logo atrás vinham as meninas cochichando:

— Por pouco, né?! — Disse Alice.

— O que você disse, Alice? — Perguntou a mãe suspeitando das duas.

As duas disfarçaram rápido e disseram rindo de leve:

— Nada não, mãe!

Fim!

**CONTOS
ADULTOS**

Um pássaro no país das pedras

Tainá Camila dos Santos

Nasceu passarinha. Reconhecia-se mais no movimento dos pássaros do que nos hábitos da espécie humana. Na varanda de cima, passava, em sua percepção de passarinha, longos dias observando os pardais que pousavam nas telhas de amianto. Piava. Um pio agudo que a princípio vinha meigo, sorrateiro, da pura imitação dos pássaros alvos. À medida que ia crescendo, aperfeiçoava-se piando, admirada com as penas que alisava sobre as asas.

Nada nela era humano. Com exceção dos documentos que recebeu no nascimento. Sentia-se, em casa, confinada desde sempre, recusava-se a qualquer rotina sem que pudesse espalhar a si mesma a ambição de alçar voo. Da escola, o primeiro alarme.

— Mas acho que é brincadeira de menina!

— Como professora, só estou avisando, senhora.

A mãe, que por algum motivo desafiador à ciência era uma humana, depois de tanto menosprezo às manias da filha, passou a observá-la com aqueles olhos de predador. Não passou despercebida, porque os pássaros percebem os menores movimentos bruscos. Um dia, aproximando-se, a mulher desatou a articular palavras pausadamente, ordenando que fossem repetidas. Não obteve resultado positivo. A criatura retraiu-se, fechou-se e sentiu-se sobre a mira de um gato faminto.

Alguns dias e os pios foram ficando mais audíveis. Um perigo! Aquilo passou a atormentar a mulher. Os comentários das vizinhas, os parentes que se assustavam com tal comportamento, a memória do marido – cuspidas por todos os objetos da casa –, a cobrança de controle e autoridade, as palavras da professora da escola... Esse conjunto de avalanches cercava aquela mãe desesperada, que não conseguia detectar o erro na educação que deu à filha, mas que jamais se deixava desculpar pela imensa irresponsabilidade.

Tentou dialogar. Quis ensinar à filha os bons modos da gente humana. Os modos aceitáveis ao país. Mas deparou-se com um limite altíssimo, inalcançável, típico das criaturas que frequentam o céu. Para ela, o inferno. Ansiava por uma muralha grande, muito maior que o céu, uma muralha que pudesse aniquilar todos os pássaros do mundo.

O ódio que sentia pelos pássaros aumentava como um termômetro indicava febre. Essas coisas afundaram sua filha, bem nascida e criada. Uma menina, futura moça, futura mulher, esposa e mãe. O que seria agora?

À noite, a mulher passou a acordar de incessantes pesadelos. Em um deles, o marido, fantasiado de juiz, lia sua pena em tom de censura.

“Decreto, pela irresponsabilidade materna, sua alma em fogo”.

Acordou suando. Esfregou os olhos para não adormecer novamente. Podia jurar para si mesma ouvir as vozes baixas do jurado, composto das boas famílias do país.

“Péssima mãe...”

“Falta de pulso firme...”

“Que absurdo!”

Na manhã seguinte, pegou a filha pelo pulso, saiu para a feira e, encontrando meninas humanas, implorou, em silêncio, que se aproximassem da filha e transferissem a ela ao menos uma gota da normalidade humana.

A transferência ocorreu, mas inversa. A cria chegou a ensinar às meninas um ou outro pio, balançando as asas e incentivando todas a almejem voar. Era inacreditável que aquela coisa tivesse saído dela. Sangue do seu sangue. Matéria do seu ventre. Em alguns anos, o que era benção tornou-se a maior decepção de toda a história das famílias estruturadas.

Insatisfeitos, os pios avançaram ainda mais de nível, de uma forma que soavam agora como um canto de afronta. Ao ser en-

curralada pela mãe, a criatura, já com asas maiores, não mais se deixava encolher pelo receio de presa minúscula. De passarinha, passou a águia esbelta e cheia de garras pontiagudas. Ouvia, sem propósito, os ritos de repulsa que todos os dias eram despejados sobre ela, não movendo uma pena para ajustar-se.

Numa manhã, acordou com as janelas trancadas a cadeados. Nenhuma fresta de sol. Subiu correndo, com seus saltos de pássaro, à varanda de cima. Cerrou o bico afiado. A porta não só estava trancada, como também coberta de pano, para que ela nunca mais vivenciasse o céu e mais ninguém de sua espécie.

Surtou. Escalou as grades. Furou os panos. Suplicou piando em fúria. A mãe, como se desfrutasse um dia de paz, fingiu não compreender nenhum protesto piado em desespero. Dizia, em desdém, “mas você não é pássaro?”, e voltava com riso discreto às atividades naturais de mulher humana.

Assim passaram-se dois, três, dez dias repetidamente, dias e dias de pios enfurecidos, de asas atrofiadas, até que a criatura, faminta da sua liberdade, sentiu-se enfraquecer de tal forma, que não mais se pendurou nas janelas.

A mãe viu esse enfraquecimento como luz divina. Animou-se a tagarelar a filha, reforçando o agrado da passividade, única semelhança, até então, da criatura com menina humana.

Era o avanço. A cura. Essa ideia de pássaro era uma fase esquecida. E assim ela preenchia a filha de elogios tipicamente humanos, entusiasmada, aplaudindo a inércia e a disciplina do ser ex-selvagem.

— Os pássaros precisam conhecer a gaiola! — dizia, cantarelando em ritmo humano. Depois, seguia paciente aos afazeres de casa, admirando a filha, paralisada, que vez e outra suspirava um chiado mais próximo de gente do que de bicho.

A sós, a criatura sentia as asas escorrerem em ferimentos. A mãe cortava ponta por ponta meticulosamente, a cada ameaça de retorno animalesco. Mais tarde, no silêncio noturno, todos os ideais de

pássaro pareciam arrancados à força e pendurados a tantos metros, que as asas podadas não suportavam alcançar. Mas doía mais a essência. A essência que ela, passarinha e depois águia, não apagou enquanto pôde voar e que, de meiga, feliz e sua, passou a ser raivosa, espumante e corrompida, oscilando feito um fio em curto-circuito.

Foi feliz alçando voo. Agora, via as asas caindo, aos poucos, recusando-se a subirem. Estava frágil e pensava no quanto isso a afastava de quem era. Tentou, uma ou duas vezes, absorver qualquer fala internalizada humana, entreter-se e propor mero acordo por um vislumbre de céu sequer. Mas ela era toda a vulnerabilidade daquele país. E via, no riso estranho daquela figura humana – sua mãe, pela primeira vez na vida, o contentamento. O contentamento que refletia, como em flashes de memória, todos os risos da nação.

Seu sangue causava alegria. Seu choro e paralisia eram sintomas saudáveis. Era tudo isso o alívio daqueles seres regentes daquele país, de espécie tão superior. Se aquela alegria não era coisa admitida, era coisa praticada. Era o que furava a carne. Ela, porém, tomou essa consciência. Sabia que ali o céu não importava. O céu era, àqueles seres, coisa muito vasta e perigosa. Cultuavam a inércia. Nenhuma águia viveria livre, porque águias são criaturas do céu.

Quando a lágrima escorreu, no momento em que passou por sua boca meio-bicho, seus olhos marejados avistaram uma pedra. Intacta. Fixa. Dura. Impassível. Presa ao chão e dependente para qualquer movimento. Uma pedra. O padrão da afabilidade nacional. Logo aquela pedra, inanimada e endurecida, era o que ali, naquele mesmo território, havia de mais importante.

Pedras... Imagina se assim ela existisse! Feito pedras. Mortas-vivas! Preciosíssimas! Tantas pedras pareciam, agora, cair sobre seu cérebro de águia, a ponto de senti-lo arder em dor e enrijecer as penas, em constante processo de petrificação. Aquilo dava gastura. Imenso horror! Ouvia, em diversas proporções de sons, os

risos humanos, sentia o teor da familiaridade deles com aquelas coisas duras que choviam em sua cabeça. Familiaridade tão grande que humanos e pedras misturavam-se, numa troca genética fervorosa. Alguns segundos e os risos eram gargalhadas. Podia ver, alucinada, círculos inteiros de famílias com rostos de pedras, mãos de pedras, essência de pedras, atirando-se ao solo, numa cena circense e festiva, até que todos desmoronassem totalmente, fragmentados em milhares de pedaços. E assim, apenas assim, nessa junção de espécies superiores, se dava o movimento. Moviam-se para serem inanimados! Estavam, enfim, todos, pedras. Que alívio! Que justiça! Que gosto!

De súbito, a fim de cessar seu próprio massacre, o pássaro engoliu a pedra.

...

No velório, o luto foi culto ao alívio.

No país das pedras pássaros não são bem-vindos.

A Metade Oculta da Diva

Óscar Gomes Fernandes

Depois que casara com Ana, era a primeira vez que Lourenço saía da ilha sozinho.

Licenciara-se três anos antes em Agronomia na capital, onde conheceu a mulher, também ela madeirense.

Ana formara-se em Serviço Social na Universidade de Lisboa e, tal como Lourenço, exercia a profissão na ilha da Madeira.

Entretanto, o engenheiro agrónomo candidatara-se a um projeto científico de aclimatização de espécies subtropicais em solos europeus. Seria o seu trunfo para cursar o doutoramento que vinha preparando há cerca de um ano.

No entanto, a sua ida para o Cadaval, local onde decorreria o estudo não foi pacífica. Desde o primeiro instante, e no pressuposto de que o projeto não lograria os apoios necessários, Ana sempre manifestou incondicional apoio ao marido. Ultrapassadas todas as barreiras burocráticas e conseguidos os apoios necessários ao projeto, a rapariga começou a vacilar, o ciúme falou mais alto e ela de tudo fez para que o marido não saísse da ilha. Sem sucesso. Lourenço voou para Lisboa e, daí, viajou de comboio para o Cadaval.

Ali chegado, o engenheiro agrónomo instalou-se no Hotel Dom Fernando. Pelas três da tarde, André Bravo, um botânico com quem iria participar no projeto, veio encontrar-se com ele com o propósito de combinarem a agenda e o método de trabalho que começaria no dia seguinte.

Após uma reunião que não durou mais de trinta minutos, André levou Lourenço a conhecer o laboratório móvel e o campo experimental da Vermelha onde desenvolveriam o arrojado projeto.

Mostrou-lhe depois os pontos principais da vila e, por fim, jantaram no Restaurante Saloio.

Na manhã seguinte, conforme haviam planeado, André apanhou Lourenço à porta do hotel. Foram tratar do aluguer do auto-

móvel para o engenheiro madeirense e logo seguiram ambos para a Vermelha. Iriam proceder à recolha de amostras do solo, analisá-las depois em laboratório e comparar os resultados com aqueles que Lourenço levava das amostras dos solos da ilha. Após o estudo, decidiriam então os adubos e complementos químicos a utilizar para que a terra ficasse apta a receber os espécimes subtropicais.

Dia após dia, as rotinas de Lourenço em pouco se alteravam. Depois do pequeno almoço no hotel descia a rua, comprava o jornal no quiosque do Nené e entrava no Café Valverde para a bica da manhã que Ti Luzia, a dona do estabelecimento, servia com inusitado esmero. Depois do café, que degustava em suaves tragos, enquanto passeava os olhos apressados pelo jornal, ligava à mulher e, após falarem alguns minutos, metia-se no Renault verde e abalava para o campo experimental. Voltava à vila para o almoço e, no fim do dia, o percurso inverso tinha as mesmas paragens. Não dispensava o café na Ti Luzia, e os dois dedos de conversa com a velhota. De caminho, passava novamente pelo quiosque para cumprimentar Nené. (O ardina, um jovem moreno, corpo cuidado e jeitos afeminados, era de uma afabilidade e simpatia invulgares que conquistavam a estima de todos). À noite, costumava jantar no pequeno restaurante do hotel e, já no quarto, trabalhava sempre mais uma ou duas horas no computador portátil. Antes de dormir, ligava sempre à mulher. Isto quando a impaciência dela não a impelia a fazê-lo antes.

Certa tarde, ao voltar do laboratório, Ti Luzia estendeu-lhe um envelope. Tinha-lhe sido entregue, segundo ela, por um gaia-to que não conhecia. Na frente, em letras garrafais meticulosamente desenhadas podia ler-se “Engenheiro Lourenço Batista”. Apesar da curiosidade, Lourenço decidiu que não abriria o sobrescrito antes de chegar ao hotel. Passou como habitualmente pelo quiosque, cumprimentou Nené e prosseguiu em impacientes passadas largas. No hotel, deixou-se cair na poltrona da saleta junto à receção e abriu o envelope.

No seu interior, uma foto apenas. A voluptuosa imagem de uma mulher: um elegante par de esguias e bronzeadas pernas, lascivamente embrulhadas em sensuais *collants* de rede encarnada e equilibradas sobre dois gigantescos saltos reluzentes cor de prata. Mais acima, um escultural conjunto de glúteos sobressaía impudica e atrevidamente do papel, como se de uma imagem tridimensional se tratasse. Sobre as costas lisas cor de bronze, descaíam ao acaso cachos ruivos de cabelos em harmonioso desalinho. Quem seria aquela bela mulher? Num meninil impulso, no fito de descortinar o rosto da diva, voltou a fotografia. No verso, em duas linhas, duas expressões perturbadoras: “Quero-te” e “Possui-me”.

Mas quem seria a audaciosa dona de tais atributos? Remoía ainda o enigma quando tocou o telemóvel. Era certamente a mulher. Achou melhor não atender. Estava deveras agitado e Ana logo iria aperceber-se disso. O toque do aparelho voltou a soar pouco depois. Desta vez era mensagem escrita. Decidiu lê-la.

— Número privado? — sussurrou. — Quem será?

“Recebeste a minha foto? Gostaste? Podes ter-me quando quiseres”, leu.

O mistério adensava-se. Quem quer que seja, tem o seu contacto telefónico. Será Lena, a bióloga do laboratório? Tem o seu número de telefone, é alta, esbelta, bem torneada... E Lourenço já a surpreendera algumas vezes lançando-lhe olhares furtivos e algo insinuantes... Não era ruiva, mas bem podia ter colocado uma peruca para a fotografia...

Só perto da meia-noite, mais calmo, ligou à mulher. Ainda assim, Ana parece ter-lhe notado alguma perturbação na voz:

— O que se passa contigo, Lourenço? Pareces-me distante, distraído... Tu estás bem, filho?

— Claro, amor. Deve ser do cansaço. Trabalhei até agora.

— Vai lá descansar, meu anjo. E vê se não trabalhas tanto! Não quero que o meu homem regresse a casa doente.

— Beijo grande. Amo-te muito. Boa noite — despediu-se Lourenço.

— Dorme bem, amor. Até amanhã.

No dia seguinte, no laboratório, decidiu confrontar a colega de projeto:

— Ficas muito elegante com os cabelos ruivos, Lena. Porque não usas a peruca mais vezes?

— Uma peruca ruiva? Que horror, Lourenço! Logo eu que não suporto cabelos ruivos. Põe em uma pessoa ridícula, como aqueles bonecos da banda desenhada, tipo Tom Sawyer.

Lena foi de tal modo convincente que o agrónomo logo se empenhou em mascarar o equívoco:

— Não liguês, Lena. É que ontem vi uma jovem no supermercado que, à distância, parecia-se muito contigo, só que com cabelos ruivos.

O homem estava cada vez mais perplexo. Quem seria a vé-nus da foto?

A Ti Luzia... será? Já é velhota, mas é magra e trigueira... e quem sabe que surpresas podem esconder-se sob uma bata e um avental? Por algum motivo a mulher terá sido fotografada de costas... além disso, foi a própria Ti Luzia quem lhe deu a fotografia... trouxera-a um garoto, disse ela... um garoto, pois... Além de que a velha também tem o seu número de telefone...

“Esta tarde resolvo o enigma”, pensou, enquanto desejava no mais íntimo de si que não fosse a velha Ti Luzia, a dona do inebriante corpo da foto.

— Boas tardes, Ti Luzia, você ficou muito bem na fotografia! Muito elegante, parabéns! — disparou ao entrar no café.

— Na fotografia, senhor engenheiro? Que fotografia?

— Na que estava no envelope que me deu ontem. Gostei de ver... sim senhor... — continuava em tom jocoso, no intuito de desconcertar a velha.

— Eu, senhor engenheiro? Como pode o senhor ter recebido uma fotografia minha? Ainda por cima, elegante? Uma velha como eu? Ah, eu é que sou uma tola em dar-lhe conversa. O senhor engenheiro é sempre o mesmo pantomineiro — disse divertida. — Mas afinal era mesmo uma fotografia que estava no envelope?

— Estava a brincar, Ti Luzia, tem razão. Vê como já me conhece? Sou mesmo um galhofeiro!

— Bem me pareceu que aquilo era uma fotografia, senhor engenheiro. E já sabe quem lhe mandou? — insistia a velha numa perplexidade coscuvilheira.

— Sei. Um amigo. Passou pelo café, e fotografou-nos aos dois. Foi por isso que eu disse que você estava muito bem, Ti Luzia — patranhou inseguro. — Bem, vou indo. Ainda há muito que fazer. Até amanhã, Ti Luzia!

— Até amanhã, senhor engenheiro!

“Caramba, afinal não era a Ti Luzia. E ainda bem que não. Seria um desconsolo atroz, aquele rosto velho e encarquilhado a desfigurar o corpo irrepreensível de uma deusa”, pensava, enquanto subia a rua.

— Boa tarde, Nené! — cumprimentou ao passar junto ao quiosque.

— Boa tarde, engenheiro Lourenço! — respondeu polidamente o ardina no seu sorriso rasgado.

“Este Nené... ele tem o meu contacto... trata muito bem do corpo, tem uma pele bronzeada... se calhar até faz depilação... e além disso tem uns trejeitos abichanados... a musa da foto bem pode ser o Nené”, pensou. E decidiu voltar atrás para confrontar o ardina.

— Então, Nené, o negócio corre bem? — perguntou para meter conversa.

— O costume, senhor engenheiro. Pela manhã sempre há mais movimento. A esta hora só se vende um ou outro maço de tabaco, umas pastilhas elásticas...

— Você depila-se, Nené? — arremessou à queima-roupa.

— Como, senhor engenheiro? — surpreendeu-se o rapaz.

— Você sabe do que falo, Nené. Depila-se ou não?

— O senhor engenheiro gosta duma pele assim... bem lisinha... sedosa... macia?... — Perguntou-lhe, enquanto um sorriso malicioso acendia-se-lhe no rosto trigueiro e um inaudito brilho refulgia nos seus olhos verdes.

— Ora, Nené, era só curiosidade — respondeu-lhe o engenheiro embaraçado.

— Quer ver? — insistiu o rapaz em voz baixa e insinuante, enquanto abria lentamente a fivela do cinto das calças.

— Ora essa, Nené, não quero ver nada. Era só curiosidade, como te disse — defendeu-se, virando o rosto com a mão em pala e logo saindo apressadamente do quiosque.

— Como queira, senhor engenheiro. Então até amanhã.

— Até amanhã, Nené — gritou-lhe já da rua.

Lourenço dirigiu-se ao hotel em passo acelerado como que a fugir da humilhação por que acabara de passar no quiosque. Decidiu que não voltaria a pôr os pés naquela espelunca. Afinal por quem é que o mariconço do ardina o tomava? Mas, pouco depois, mudou de ideias. Se deixasse de frequentar o quiosque, perdia a oportunidade de desfazer o mal-entendido e de, a seu tempo, deixar bem clara a sua macheza.

Entrou no hotel e cumprimentou a rececionista que, de tão compenetrada que estava a manusear o telemóvel, nem deu pela sua passagem. Encaminhou-se para o quarto, tomou um duche rápido, abriu a gaveta da secretária e deu uma olhadela fugaz na foto da misteriosa meia-musa. Desceu depois para a saleta da receção e passeou os olhos por umas antigas e amarrotadas revistas que se amontoavam na pequena estante de canto.

Marisa continuava alheada do mundo, tal era a sua concentração no aparelho.

“Privilégios de ser filha do dono”, pensou o agrónomo.

Entretanto souou o telemóvel de Lourenço. Era novamente uma mensagem escrita, mas desta vez, com número identificado:

“Sou a ruiva da foto. Quero fazer amor contigo. Se te agrado, marca hora e local”.

Após uma breve ponderação, decidiu responder:

“Podemos combinar um café. Costumo ir todas as manhãs ao Café Valverde, o que achas?”

Dois minutos depois chegava nova mensagem:

“Eu não quero café. Quero sexo”.

Lourenço levantou-se e, atordoado, encaminhou-se vagarosamente para a porta do restaurante. Ao passar junto à receção, apercebeu-se de que Marisa continuava ensimesmada com o olhar colado ao ecrã do telefone móvel.

“Como não percebi antes?”, pensou. “Só pode mesmo ser a pirralha da receção! A estatura corresponde grosso modo à da musa... Só os cabelos não são ruivos”. Mas o agrónomo, que ainda não descartara por completo a tese da peruca, dirigiu-se resolutamente à receção.

— Tenho de dar-lhe os meus parabéns, Marisa. Tem umas belíssimas pernas!

— Ah, obrigado, senhor engenheiro — respondeu com indistigável embaraço.

— E umas nádegas absolutamente magníficas — continuou em tom mais discreto.

— Que raio de conversa é essa com a minha filha, engenheiro? — exasperou-se o velho Guerra (que por certo não era duro de ouvido), enquanto atabalhoadamente saía do pequeno escritório por trás da receção. — Este hotel é uma casa séria! E quem não se der ao respeito é posto no olho da rua a pontapé!

— Ó senhor Guerra, desculpe. Perdoe-me, Marisa, não sei o que me deu... Juro que não volta a acontecer.

— Pode ter a certeza que não volta a acontecer, senhor engenheiro, pode ter a certeza! Ou expulso-o daqui como quem es-

corraça um cão! — sentenciou colérico o Guerra com o braço erguido apontando a porta da rua.

Lourenço não fazia a mínima ideia de como é que se escorraçava um cão no Cadaval, mas estava firmemente decidido a continuar sem sabê-lo.

O tempestuoso vociferar do dono da casa atraiu de tal forma as atenções que, à porta do restaurante, o cozinheiro, as empregadas de mesa e alguns clientes disputavam um espaço onde enfiar a cabeça, de modo a assistirem ao número que, infelizmente para eles, parecia ter terminado. Lourenço, mais vexado do que nunca, decidiu de imediato que não jantaria ali. Saiu do hotel, desceu até a praça, meteu-se no Renault e fez-se à estrada em direção ao Saloio.

Regressou pelas dez da noite. Na recepção estava o Guerra. Que vergonha...

Tímida e sorridentemente cumprimentou o velho como se nada se tivesse passado, e o dono da casa retribuiu o cumprimento num sorriso desmelindrado. Subiu ao quarto, abriu o computador portátil e fechou-o dois minutos depois. Não se sentia capaz de trabalhar depois das atribuições por que passara nesse dia. Desligou o telemóvel. Hoje também não ligaria à mulher. Mais tarde poderia dizer-lhe que a bateria ficara sem carga e que se esquecera do carregador no laboratório... inventaria qualquer coisa.

Abriu a gaveta da secretária, tirou de lá a enigmática fotografia e contemplou por alguns minutos a diva, ou melhor, a metade traseira da dita.

— Que corpo, meu Deus, que corpo — dizia e repetia de si para si.

Ligou o televisor e ficou durante largo tempo a olhar para ele sem, contudo, nada ver.

“Que corpo, meu Deus, que corpo”, não se cansava de repetir.

Durante toda a noite, a imagem daquela metade de deusa não lhe saiu da cabeça. Pela manhã, ligou o telemóvel com a irrevogável determinação de receber na sua intimidade, não a traseira

metade de uma musa de cartão mate, mas as duas metades unidas em carne e osso. Digitou uma curta mensagem e enviou:

“Vem ter comigo hoje às 11 da noite. Hotel Dom Fernando, quarto 14”.

Um minuto depois chegava a resposta: “Lá estarei”.

Lourenço tomou um duche, vestiu-se e desceu pelas escadas o andar que o separava da receção.

Indiferente ao incidente da véspera, adentrou o restaurante e, com a maior das naturalidades, tomou o pequeno-almoço. Estava radiante. Ia finalmente conhecer a beldade morena dos *collants* de rede encarnada, saltos de metal e cabelos ruivos. Sobressaltou-se ao lembrar-se da mulher. Ana recomendara-lhe para não se atirar à primeira mulher que encontrasse, e era precisamente isso que ele estava prestes a fazer.

Estremeceu quando o telemóvel tocou. Era ela.

— Sim, amor? Ia ligar-te agora mesmo, fiquei sem bateria ontem à noite — desculpou-se Lourenço.

— Foi o que eu pensei, querido. Tu estás bem?

— Claro, porque não havia de estar?

— Parece-me nervoso, amor. Dormiste bem?

— Não muito bem, princesa. É o muito trabalho e as saudades da minha mulherzinha...

— Eu também morro de saudades do meu marido.

— Há tanto barulho aí. Parecem comboios. Na ilha não há comboios, onde estás?

— Estou em casa. É o som da TV. Hoje só trabalho à tarde — respondeu Ana.

— Ah bom. Ligo-te pela hora do jantar. Beijo grande.

— Não, liga-me como de costume pelas onze. Para o beijinho de boas noites.

— É melhor não arriscar tanto, amor. Posso voltar a ficar sem bateria. Ligo-te pelas nove — insistiu conspirativo.

— Está bem, querido. Um bom dia para ti.

— Para ti também, minha linda.

— Lourenço suspirou de alívio, atirou o telemóvel para a pasta, saiu do hotel e desceu a rua. Como habitualmente, entrou no quiosque, fazendo por esquecer-se da constrangedora situação que criara na véspera com o ardina.

— Bom dia, Nené! Então, como está?

— Ótimo, e o senhor engenheiro? — retribuiu o ardina estendendo-lhe o *Jornal de Notícias*.

— Mais um dia de luta, caro amigo — disse, enquanto contava as moedas que colocou depois sobre o balcão.

— É verdade, senhor engenheiro. Até logo.

— Até logo, Nené!

“Ótimo”, pensou Lourenço. “Nené falou naturalmente, como se nada tivesse acontecido. Tomara também que a Ti Luzia não fale mais da foto, e tudo estará resolvido”.

Lourenço, André e Lena tinham já combinado para esse dia umas pesquisas no laboratório da Vermelha. Contudo, Lourenço sugeriu aos colegas que se encarregassem eles dessa tarefa, para que pudesse adiantar uns trabalhos de monitorização no campo experimental. Estava ansioso pelo encontro dessa noite, e a inquietação não lhe deixava a capacidade de raciocínio necessária para pesquisas científicas.

No fim da tarde, cumprindo a rotina, tomou a bica no Valverde e passou pelo quiosque para dois dedos de conversa com Nené. Subiu a rua, entrou no hotel e cumprimentou Marisa, que correspondeu com um jovial sorriso despido de ressentimentos. Subiu ao quarto, tomou um duche, vestiu-se e voltou a descer para o jantar. Ligou depois à mulher e, na saleta da receção, aguardou a mudança do turno. Quando o Guerra substituiu a filha no atendimento, foi até junto dele.

— Senhor Guerra, esta noite vem cá uma colega do projeto pelas onze horas, para falar comigo no quarto. Pode mandá-la subir, se faz favor?

— Colega de projeto, hein? — riu-se o velho com malícia. — Eu mando-a subir, senhor engenheiro, esteja descansado.

— Muito obrigado.

Lourenço subiu para o quarto, escovou os dentes, perfumou-se e, impacientemente, aguardou a misteriosa visita. Enquanto esperava, tirou da gaveta a foto da metade traseira da diva e deixou que os seus olhos ávidos contemplassem e saboreassem uma última vez a magistral iguaria de papel.

Às onze horas da noite, cruzava a porta do Hotel Dom Fernando a mulher mais bela e sumptuosa que o velho Guerra alguma vez vira na vida. E consta que já vivera muito. Dirigiu-se ao balcão da receção e, por momentos, ambos trocaram olhares sem que nenhum dos dois pronunciasse uma única palavra. Atarantado, o Guerra, com os olhos esbugalhados, o queixo tombado e a baba viscosa a escorrer-lhe dos cantos da boca, parecia mergulhado num transe hipnótico, até que caiu em si e correu a chamar o elevador.

— Perdão, menina, faça o favor de subir. O quarto do senhor engenheiro é o 14.

Passados cerca de trinta minutos parou um táxi à porta do hotel, e a ninfa dos cabelos ruivos desceu pouco depois. Terá sido aquela a mais tormentosa meia hora na vida do velho Guerra, que durante todo esse tempo não conseguiu parar de imaginar ao detalhe o tipo de projetos que aqueles dois colegas estariam a desenvolver no quarto 14.

Deferente, o velho correu a abrir a porta principal por onde a venusta escultura saiu com desenvolta graciosidade. Entrou no táxi e, uma hora depois, descia da viatura na noite da fervilhante e estrepitosa Lisboa. Atravessou a rua e tocou à campainha de um prédio antigo em cuja fachada relampejava um letreiro de néon vermelho com os dizeres: “*GAYOLA NIGHT CLUB*”. A porta abriu-se e Nené subiu elegantemente as escadas. Dentro de minutos teria início o seu espetáculo transformista.

Eva e a outra maçã

Maria do Socorro Alagia Vaz Leandro

Caminhava na rua absorta em pensamentos e assim entrou na mercearia para comprar uma amenidade qualquer, aproveitando a viagem para pegar umas maçãs. Ao lado da prateleira, um rapaz que parecia estar interessado no mesmo produto saudou-lhe, cortês:

— Bom dia, tudo bem?

— Tudo — respondeu ela, no susto.

— Estão madurinhas — completou, galante, como se estivesse fazendo comercial das frutas.

— Verdade — ela assentiu, escolhendo algumas.

— E o namorado? — Prosseguiu ele, com a inesperada indagação.

— O marido? Vai bem, está esperando no carro — replicou sorrindo divertida, enquanto se dirigia ao caixa.

O moço, perseverante, não se furtou a dar um simpaticíssimo “tchau” quando ela se despediu da atendente.

Curioso. Nunca mais se sentira na posição de levar uma cantada. Nem de despertar qualquer interesse que fosse. Muito menos de ser enxergada, como pessoa, mulher e tanto mais, desejável.

Fatos assim têm o poder de retirar o indivíduo da melancolia de um túmulo no qual se entra inadvertidamente.

Cômica e bastante comum a situação, mas não para ela, para quem ganhou ares de evento interessante, mesmo em se tratando de uma abordagem simples e, convenhamos, meio barata.

Eva definitivamente não vivia em nenhum paraíso. Sua vida se alternava entre os muitos afazeres e empurrar com a barriga as emoções esfrangalhadas.

O marido a adorava – claro, ela era uma verdadeira mucama. Fazia-lhe todo o serviço doméstico e era devotada assessora sem o vislumbre de qualquer valor.

A vida de Antonio certamente não existiria sem ela e isso ficou bem claro quando, em meio a uma crise avassaladora, ela

sentiu o doce aroma da liberdade deixando-o por alguns dias. Ele conseguiu entrar em depressão em curtíssimo espaço de tempo, presumivelmente pela total incapacidade de sobreviver sem ela, não pelo amor que lhe tivesse, mas por que desempenhava a um só tempo os papéis de mãe, mulher e empregada – sem remuneração, claro. E disso resultaram os clichês conhecidos, mas nem sempre identificados, tornando-o um gentil esposo pelo tempo necessário para assegurar-lhe o retorno de seu bichinho doméstico, após uma insensata fuga.

Pensava então em como havia lhe dado outras chances. Em quantas vezes protestara com ele contra sua ausência, falta de atenção e completa insensibilidade. Mas eram palavras ao vento. Para aquele homem soberano, só ele valia na relação. Em sua mente estreita e egoísta, só a ele cabia o papel de provedor, renegando o óbvio fato de que ela, ao cuidar de todo o universo chamado Lar, oferecia-lhe condições para que alçasse voos nos quais ela nem sonhava em acompanhá-lo.

E aquele “chamado” do rapaz da mercearia a fez perceber que sua vida tinha girado em torno de Antonio tantos cegos anos. Para o bem e para o mal. Realizado isso, era momento de virar essa chave. Não seria fácil, é bem verdade, pois um hábito doloroso consagrado pelo tempo já se tornara o pior dos vícios. Mas nada é impossível. A mulher que um dia fora, não estava morta. Precisava despertar, deixar seu lugar estreito e caminhar, reencontrando seus lugares no mundo e dentro de si.

Aquelas maçãs representavam para ela uma mudança. Mas, diferente do que a maçã foi para a Eva do Antigo Testamento, expulsando-a do paraíso, a maçã dessa Eva aqui poderia significar a entrada nele, no paraíso particular daquela mulher que estava para se libertar definitivamente da costela de seu Adão.

Dona Maudi

Frederico Salmi Pereira

Já me esquentei com frios corpos de rostos sem nome em meu leite, já acolhi novas vidas em meus braços, já me encharquei dos quentes glóbulos vermelhos de um crime, já absorvi lágrimas de um desiludido ser sem esperança, já brinquei com divertidos sorrisos infantis, já ensinei lições que não constam na clássica literatura. Sinto a vida avançar como o movimento inesperado da queda de uma antiga xícara de porcelana ao chão.

Da minha infância, poucas fotos em tons âmbar restaram. Gosto de clássicas roupas. Minha pele de belos paralelepípedos, dispostos como escamas prateadas de peixes e de grossos casacos de betume, suporta o trânsito frenético de diferentes patas sobre mim, além do curioso massagear de todos os tipos de rodas, que às vezes me fazem arrepiar. Amo o aromático arranjo das pétalas sobre minha cabeça, um belo exemplar de um verdejante bosque em miniatura que vive colorida nos dias de primavera. As secas folhas nesta época do ano, já enrugadas pelo final do outono, das raras árvores seculares que restaram, estão a cair lenta e levemente sobre mim. Tenho um apreço especial pelas pessoas que cuidam de mim, até aquelas que estão sempre a fazer minha descamação facial com tanto bom humor, apesar do árduo trabalho pouco reconhecido.

Sinto a fluidez conturbada da cidade através dos meus poros. Minhas bocas de lobo, como guelras de peixes ávidos por oxigênio dissolvido em águas turvas, bebem o fresco líquido que as prateadas nuvens me mandam generosamente. Gosto de sentir esta chuva hidratante, apesar da minha impermeabilidade. Reflito sobre o destino incerto de cada gota que almeja chegar a seu destino, mas não o alcança. Escuto os passos das pessoas como pulsações elétricas em meus músculos, suas fobias, tesões, alegrias e tensões. Dentro das minhas entranhas, a vibração dos micropassos de vermes, que caminham por arcaicas veias metá-

licas que, como ossos sem cálcio, estão a se esfacelar, assim como modernas fibras óticas rasgam minha sedimentada carne. De inebriantes dados digitais às plácidas águas pluviais, tudo flui, para saciar a sede da alma e do corpo.

De tempos em tempos, ganho ornamentos dos meus admiradores, produzidos por hábeis mãos de modernos ourives que me querem deixar uma lembrança de si mesmos. Fincados em meu corpo, como bandeiras de conquistadores, sólidas construções. Joias esdrúxulas, algumas belas. Lembro-me da curiosa escultura do Jesus preocupado, sentado com uma das mãos sob o queixo e olhar cansado. Essa ainda aquece os corações de quem a observa delicadamente. Sou obrigada a usar uma peça de bronze, um busto de um antigo conquistador, para homenagear os grandes feitos militares de outrora.

Em uma esquecida parte do meu corpo, famintos esquilos correm a esmo pelo amarelado gramado do bosque, como pedintes a suplicar um naco de sobra de comida. No terreno baldio fantasmagórico, transitam cadáveres entorpecidos por novas drogas sintéticas, que me fazem sentir fugaz. Novos tempos, antigos vícios, quem não os tem? Melancolia e euforia. Minha essência talvez seja a bela simplicidade da vacuidade.

Sou consciente que existem outras, mas enfim, deleito-me com todas minhas camadas forjadas, uma a uma, pelo ferreiro do tempo. Plásticas e transplantes de órgãos fazem parte do meu histórico clínico. Cicatrizes do poder das fortes chicotadas açoi-tadas sobre meu dorso, figuras resultado dos antagônicos estilos de artes fundidos, engenhosas inovações tecnológicas produzidas por uma suspeita ética, sagradas e acalentadores cruces, marcas que vivem em mim desde tempos imemoriais. Reinventam-me, paradoxal e caoticamente, nessa dança cósmica. Carinhosamente chamada pelo meu apelido de infância Maud ou por Senhora Bumi, tenho identidade e endereço. Meu nome?

Rua Matilda Bumi.

O revés do sábio

Wanderley de Jesus

Quando minha filha ficou grávida e precisou entrar de licença para ter o bebê, acordamos que eu a substituiria na biblioteca da escola onde trabalhava, para que não corresse o risco de perder o emprego para outra pessoa. Para um velho aposentado como eu, cuja leitura era o maior passa tempo, não seria nenhum sacrifício, além de que estaria ajudando minha filha amada que sempre me foi motivo de orgulho.

Ocorreu que o horário em que eu chegava à biblioteca pelas manhãs, coincidia com o horário da aula de educação física de alguns garotos, e logo me intrigara que um deles, um jovenzinho enigmático e de ar nobre, nunca se misturava as outras crianças.

Ignorei, de início, pensando que poderia ser uma fase ou simplesmente alguma birra, mas ao passar de duas semanas, acabei cedendo ao meu lado mais afetuoso e me aproximei do garoto, com cautela.

Sentei-me ao lado dele, num banco de pedra fora da quadra, localizado próximo ao bebedouro, pensando no que deveria falar e em como falar. Por fim, decidi por algo inteligente.

— Sabia que, às vezes, as pessoas mais quietas são as que mais chamam atenção? — Usei de um tom cordial e amistoso, sequer olhei-o diretamente, com receio de intimidá-lo.

— Por certo, eu devo ter chamado a sua. — Parecia que a resposta estava na ponta de sua língua. Ele permaneceu abraçado aos joelhos, e também, no primeiro momento, dissera sem me olhar.

— Vejo que ambos somos bons observadores — Sorri para ele. — Seríamos também ambos ruins em esportes?

— Só por que não gosto de fazer determinada coisa, não quer dizer que sou ruim em praticá-la.

Logo ali me veio o choque; aquela não era resposta de alguém na faixa dos dez anos. Não pude deixar de pensar, mesmo preci-

pitadamente, que o garoto fosse um prodígio, e embora eu tenha criado expectativas já tão cedo, de fato, ele era.

Perguntei se havia algo que ele gostasse de fazer, como ler e estudar, por exemplo. E que caso sim, ele poderia frequentar a biblioteca durante suas aulas de educação física. Como nada ele me respondeu, e sob a possibilidade de deixá-lo desconfortável, eu me retirei, usando meu convite como deixa.

Na semana seguinte, quando eu conferia o sistema, surgiu frente ao balcão a figura pequena e pálida. Era ele. Seu nome era Alfred, mas sem delongas passei a chamá-lo de Fred, como ele preferia, e me apresentei como Joseph.

A maior parte do tempo nós passávamos lendo. Fred, que descobri ser um exímio estudioso, gostava de fazer alguns comentários durante suas leituras, destacando para mim algo que achava interessante ou puramente tolo. Com o passar do tempo, ganhamos afinidade, e sua presença refugiada dos esportes tornou-se um ritual.

— Pode me ajudar a ordenar esses livros no sistema? Isso aqui é muito complicado.

— Basta você clicar aqui e aqui. Eu acho engraçado que um velho tão esperto não domine um sistema tão básico quanto esse. Talvez, “velho estúpido” seja mais apropriado que “velho sábio” nesse caso... — Comentou ele com uma risadinha.

— Tenha mais respeito. Você não gostaria que eu me referisse a você como garotinho rabugento e antissocial, gostaria?

Sim. Ele era um tanto atrevido depois que se ganhava certa liberdade, mas ainda um bom garoto.

Dado certo momento, ele me perguntou por que eu lia tanto, e respondi que era para alcançar conhecimentos inalcançados. Quando o fiz a mesma pergunta, me respondeu que somente por gosto ou curiosidade.

— Conhecimentos inalcançados lendo coisas que tanta gente já sabe?

— Ora, para descobrir o que não se sabe, primeiro é preciso descobrir o que se sabe...

Algo naquela minha fala pareceu o cativar, e a partir dali, frequentemente ele tentava me abordar com algo que eu não conhecia, muitas vezes, sem sucesso.

— Sabia que algumas abelhas morrem depois da ferroadada porque o ferrão está interligado ao abdômen?

— Receio que sim.

— Que o golfinho é um bicho extremamente sexual e se atrai até mesmo por mulheres?

— Certamente.

— Que o homem é um animal?!

— De fato.

Sua inocência se dissipou rapidamente, e logo ele se aprofundou nos temas.

— Há sempre alguma loucura no amor. Mas há sempre um pouco de razão na loucura.

— Nietzsche.

— A consciência é a mera superfície de nossa mente, da qual, como da terra, não conhecemos o interior, mas apenas a crosta.

— Schopenhauer.

— Velho estúpido-

— Como é?

— Velho esperto...

Citou-me, os mais renomados filósofos e os mais consagrados poetas, e quando para ele isso se tornara obsoleto, passou a fazer as próprias citações, coisas das quais, às vezes, eu me assustava, vindas de uma cabeça tão jovem.

— A vida é como uma trama, ela não anda sem conflito, não foi feita para a inércia.

— Interessante.

— Às vezes, a palavra certa é o silêncio.

— Profundo.

Por intermédio de Fred, um dia, os pais dele convidaram a mim e minha esposa para jantarmos na casa deles. Na sala de estar havia um piano imensuravelmente elegante e o garoto tocou para gente na ocasião. A família parecia contente, a mãe me disse que já havia um tempo o garoto voltara a focar nos estudos e a tocar divinamente bem, e me agradeceu, atribuindo as graças a mim. Desvencilhei-me, comentando que ele já era um gênio por si só e minha esposa aproveitou para perguntar a mãe se não a preocupava o fato de o garoto não ter amigos ou fazer coisas que cabiam a sua idade. “Achamos estranho sim, mas ele é um garoto que sempre esteve mentalmente acima dos demais, o que se pode fazer?”

Conhecendo-nos melhor, os pais permitiram que ele visitasse minha casa, e aquilo também não demorou a se tornar um hábito.

Lembro-me, que a primeira coisa em que botou seus olhos brilhantes quando pisou naquele lugar, foi um elegante recipiente de vidro com um líquido de tom levemente amarelado e viscoso; lembrança do meu filho herpetologista que viaja o mundo atrás desses animais exóticos.

— O que é isso? — Indagou Fred, curioso.

— Veneno de Mamba Negra. Direto da África. Seu veneno neurotóxico contém, numa única picada, o suficiente pra matar dez homens adultos. — Expliquei.

— O veneno ataca o sistema nervoso central, causa formigamento nos dedos e lábios, visão dupla, confusão mental, febre e perda de controle muscular, seguida da paralisia, convulsões, parada respiratória, coma e morte. Sua picada é conhecida como beijo da morte, e o bicho carrega o nome de “negra” devido à cor do tecido interno de sua boca. — Completou ele — É fantástico...

De fato, era mesmo fantástico o tanto que ele conhecia sobre. Com o olhar ainda brilhante, me pediu permissão para apanhar o frasco. Permiti, com a condição de que tomasse extremo cuidado.

— Parece detergente. Não parece? — Disse-me, vislumbrado.

— Se você diz...

Posto o recipiente de volta ao seu lugar na estante imaculada, não se tocou mais no assunto.

O tempo passou e na mesma proporção em que sua inteligência parecia crescer exponencialmente, o distanciamento de Alfred também crescia.

Certa tarde, após o almoço em minha casa, ele recitou-nos um poema autoral:

*“Devia eu, viver entre lampejos de tristeza,
Vivo, conquanto, entre lampejos de felicidade
Pois ai de mim que fiz do mundo meu refúgio,
Quando dele carecia escapar, na realidade;
Por o futuro curar somente o passado –
Nunca o presente – como amantes distantes...
Em detrimento de certas convicções,
Ninguém, jamais, me encontrará como antes.”*

Minha esposa sempre ficava embasbacada com as proezas daquele garoto. Dizia que era de caráter muito antinatural, ele tão novinho ter tamanha inteligência e profundidade, e que, sem dúvida nenhuma, era um dom genuíno, mas ainda assim, tal morbidez a preocupava.

Enfim, passaram-se pouco mais de um ano, e um velho já na minha idade tornara-se melhor amigo de uma criança de onze. O avanço intelectual do garoto continuava a nos surpreender, e ele estava sempre aprendendo um talento novo.

Um dia, quando eu estava marceneirando, – um *hobby* qual também gosto muito – e, portanto, bastante focado nas ferramentas e na madeira, Fred estava comigo, e me fez uma pergunta misteriosa.

— Velho, se você sentisse que há uma porta para um conhecimento inexplorado, qual você desejasse muito explorar, porém,

isso só pudesse ocorrer em condições arriscadas e delicadas, você exploraria? Atravessaria essa porta?

Eu, distraído e sem conseguir dar a devida atenção que aquela pergunta merecia, respondi com uma única e singela palavra.

— Provavelmente.

— Entendo.

Como era de praxe, o assunto mudou num piscar de olhos e passamos a tarde conversando sobre muitas outras coisas. Só quando chegou a noite, finalmente, aquela questão começara a me incomodar. Fiquei ainda um bom tempo, na frente da TV, refletindo sobre. Lembrei-me, pouco a pouco, das peculiaridades de Alfred e no quanto elas casavam com minhas súbitas suspeitas. Não sei por que, mas naquele entrelaço de suposições, desferi um olhar ao recipiente que portava o veneno da Mamba. Estava detalhadamente mal posicionado. Talvez fosse minha neurose alterando minha visão, mas levantei-me, me aproximei e ainda conseguia enxergar o objeto remexido. Comecei a gelar, não pude hesitar, segurei o recipiente e balancei o conteúdo lá dentro; a consistência mostrou-se um pouco mais viscosa do que deveria. Alarmado, fui até a cozinha, joguei uma quantia miserável de água dentro do frasco e mexi com uma colher. Era detergente!

Liguei para os pais de Alfred imediatamente, mas ninguém atendeu. Quando liguei para ele, tampouco! Não me restou escolha. Peguei o soro antiofídico, liguei o carro e fui correndo com minha esposa para a casa deles.

Quando cheguei lá, a primeira coisa que a mãe soluçante fez, foi reagir como se tivesse aberto a porta esperando ser outra pessoa, logo em seguida, enrijeceu a face e me desferiu um inesperado tapa no rosto. O pai, inconformado, com muita força empurrou-me no peito um bilhete.

— Cadê ele?! — Perguntei, exasperado, sob a observação de que a mãe pegara o telefone como se precisasse que alguém chegasse ali com muita pressa. A ambulância.

— Leia! — Vociferou o pai.

— Me leve até ele! Estou com o antídoto.

A expressão do homem se transformou como uma máscara que caía. Da inconformidade à esperança. Puxou-me pelo braço, guiando-me até o quarto do filho. Cheguei lá e me deparei com uma cena de choque, mesmo que já suspeitasse; o garoto frio e mole, com tons leves de roxo sobre a pele da face. Sem titubear, apliquei nele a injeção que minha esposa preparara durante o caminho, mas, infelizmente, eu não precisava sequer ser especialista para saber que já era tarde.

Tremendo, vislumbrei o pedaço de papel através dos olhos embaçados.

“Oi, Velho Estúpido. Ando muito desanimado com as coisas ultimamente, sinto que o conhecimento aqui na terra é limitado, visto que estamos presos nessa massa de incógnita, e portanto, pouco conseguimos descobrir. Agora, vou expectante e audacioso atravessar a porta da morte. Por essa você não esperava, não é mesmo?

Vou descobrir o que é a morte primeiro que você! E prepara-te, pois se de alguma maneira eu conseguir planar de volta por aqui, vou te contatar para compartilhar informações, e finalmente, poderei lhe dizer algo valoroso que não saiba... Ah! Espero que você me desculpe por usar o veneno que seu filho lhe presenteou. Mas você tem que concordar, parecia mesmo detergente, pois eu troquei o conteúdo já faz duas semanas e você sequer percebeu. E além do mais, eu precisava partir com estilo, não é?!

Ademais, não se preocupe, pois deixei bilhetes para meus pais e culpa nenhuma poderá recair sobre você. Com admiração e petulância, Fred.”

Um ponto ou dois
Uma vírgula ou ponto e vírgula
Uma exclamação
Uma reta
Um plano
Um objetivo
Entre parênteses
Entre chaves
Entre aspas
Dentro de um círculo
Enclausurado
Uma interrogação
Uma linha tortuosa
Um plano inclinado
Um abaulamento
Uma grande depressão
O fim da linha

As imagens nos armários (sem portas)

Fugiram

Despencaram no escuro sem fim.

Meu papelão, minha cama

É casa de muitos insetos, de monstros minúsculos arra-

nhando as minhas costas de grude

Os monstros mesquinhos do medo

Troças do horror

Descaminhos nas sarjetas

Vigiando as calçadas

Com gritos cheios de olhos.

O ronco da noite é tão longo

É eco que se repete

Na mente insana do mundo

Subterrâneo de promessas

Urbes, praças de bronzes fállicos, prédios ruídos, pombo

arrulhando a rotina

Homens barbados, capotes velhos, os pelos cegos, fedidos

A fome da hora inteira,

É miséria que borda escraços

No coral das cidades invisíveis.

Filósofo na sarjeta

Josafá Paulino de Lima
Lou-Salomé

A Italo Calvino
(Labirintico)

São três horas da manhã
E a lua – apenas um fino traço no céu – é unha carcomida
e sussto.

O vento que sopra
As nuvens que correm, dispararam metamorfoses
De monstros, de rebanhos, de homens
São flocos escapando entre os dedos do céu, esse palco.

O trio cortante é ensaio
O velho teatro cruel
Na nudez das minhas carnes
Desnudas de toda veste.
Dardos de gelo, estrelas
As minhas mãos encardidas
Esmolando
a minha cuia de abismo.

Não sei mais no que sonho
As minhas pálpebras tem sal
Meus olhos não fecham mais
A minha boca esta seca
Os meus cabelos, de barro
As minhas unhas, cavacos de pedra.

Hypocritae,
Segurança burguesa,
Teatro visceral,
Propina que põe à mesa,
Sua insegurança social,
Pokrytci,
Você e toda esta sua falsa felicidade,
Justificando o catolicismo universal,
Desonram a raça humana,
Em prol de sua mesquinha vaidade.
Hipokrituloj,
Do asco que me provoca,
Aos seus conceitos *puramente normais,*
Em todos os idiomas,
Vermes! São todos iguais!

Hypocrisis

Ricardo Lacava Bailon

E achavas normal!

Hypocrisis.

Reputação ilibada?

Idoneidade moral?

Nada pior do que gente banal.

Doutos de falsas anedotas,

Semblantes da verdade?

Não! Vulgos idiotas!

Hupokrisis,

Moscas da feira, que não discernem,

Escusos das obrigações morais,

Moralistas do bom senso,

Mas com poucas empatias culturais.

Hipocrisy,

Killers with no mercy,

Ipocriti,

Em sua rodinha feliz,

A qual a indiferença o probó fagocita,

E a miséria abaixo do seu nariz,

Dentro de sua linha imaginária que o delimita.

Pokrytec,

E que na sua cabeça limitada,

Sente-se eminente e famigerado,

Enquanto que não passa de mais uma formiga,

Perante o resto do mudo isolado.

Hypocrite,

Brilho nos olhos que não se apaga,

E vangloriam-se por salvar o mundo da maldade,

Bons samaritanos que não faltam à igreja,

E ruminam o ácido da iniquidade.

ela jamais se lembra das tristezas.
Até porque, quase como regra,
os álbuns de fotografias
possuem a generosa dádiva
de preservar somente os átomos de felicidade,
na forma de doces fragmentos
que se elevam além do tempo
[porém, não imunes às traças].

De súbito...

ao retomar ciência da terrível volúpia
dos insetos devoradores de papel,
sua face quase traduz desespero.

Ela fecha o velho livro com ternura e
– tentando não fazer barulho, apesar das mãos trêmulas –
após acariciar a capa,
embala-o novamente entre cetins,
acomodando-o outra vez
na última gaveta da velha cômoda,
com o cuidado próprio
de quem protege um tesouro.

E, tal se repete todos os dias,
a última fotografia apreciada
se converte em melodia
a embalar seu sono...
minutos antes de se apagarem
as luzes do asilo
onde, há anos, ninguém a visita.

cada gargalhada,
cada olhar em ferte,
cada essência da cozinha e do jardim,
cada emoção antes perdida no tempo,
como se o melhor da vida,
– cristalizado pela magia luminosa do *flash* –
escapasse ao limite retangular da rude gramatura
para se expandir surreal, transbordando saudades.
Tomada por furtiva ingenuidade,
ela ignora a ausência de outras cores,
acreditando que a monotonia dos tons em âmbar
seja fruto apenas de seus olhos,
já cansados e turvos.
Vem, então, uma vontade desenfreada
de adentrar o fosco do papel,
aprisionando-se para sempre
nos vividos coloridos de outra.
Dessa retro viagem visual
nenhuma minúcia lhe escapa.
Avida, recorda-se de todos os nomes;
da textura exata dos vestidos e dos sapatos;
dos motivos e dos sabores
comuns àqueles cenários tão longínquos
[tudo levando a crer que a vida inteira fosse um *click*
entre o abrir-se e o fechar-se das lentes divinas].
Ao centro da foto sorteadas ao acaso
seus pais se destacavam
tão jovens, tão lindos...
Bastou semicerrar as pálpebras
e um suave perfume de lavanda em roupa limpa
impregnou o ar.
Talvez por autoproteção

Ritual em preto e branco

André Luis Soares

Todos os dias
– em sagrada rotina –
sempre ao final da tarde,
quando os esmeros com a saúde precária
lhe concedem algum descanso,
ela se recolhe em seu pequeno quarto,
longe de todos os olhares
e, com excessivo zelo,
pega o antigo álbum de fotografias
[guardado, entre os cetins,
na última gaveta da velha cómoda].
Lenta e aleatoriamente
ela abre em qualquer página
deliciando-se com a imagem;
bastando que veja uma foto a cada dia
para que se exponha
a um turbilhão de detalhadas lembranças.
Admirada, ela não entende
como pode, um único papel,
corrido e amarelado,
revelado ainda em preto e branco,
conter em si tanta memória?
Os lábios se curvam em leve sorriso,
enquanto ela imagina sentir
as nuances específicas
de cada instante registrado,
resgatando tudo aquilo que fora dito,
tudo o que fora feito...

E se as notas não se afinam,
Tal qual a luz do meu quarto,
Escrevendo nas paredes
Imagens que não consigo transformar em versos.
Gosto quando ficas imóvel
E fazes que não me escuta.
Finjo-me de rei e a teus pés,
Galado e absorto. Exclamoi:
Belai De toda beleza és flor.

O pintor, o músico e o poeta

Marcos Antônio Campos

Há telas por pintar.
Há sonetos por fazer.
Há canções por cantar.
Pego o lápis e o pincel,
Faço riscos no céu,
Enquanto nuvens a mim.
Pinto nu,
Pinto nuvens.
Pinto girassóis
E meus lençóis
Giram, giram, giram,
Ao sabor do giro das emoções.
Desafino a nota.
Afino o lápis
E escrevo aquarelas da percepção,
Umás ditas outras pintadas,
Umás malditas,
Outras inventadas.
Falo
Palavra indecente,
Emoções por pintar,
Palavras por dizer,
Notas soltas da escala musical.
Lá! Suga-me lá.
Ré! Repete-me sol.
Si! Ai si, si, si,
— Temó as línguas covardes.
Adoro línguas entrelaçadas.
— Que dizes menina louca?
Se as aquarelas são tão poucas

Sou o jacaré do papo amarelo
Uma noite enluarada

Uma rede bem armada
Pra ver o pôr do sol e uma bela manhã
Sou o caminhar da jacana
O bailar das gaiivotas na beira da praia
Os mergulhos brincantes dos curumins
Hoje sou o Pará, sou Tocantins
E com água nos olhos, JÁ FUI ARAGUAIÁ!

Já fui Araguaia

Adalberto Marcos da Silva

Trago comigo
O olho d'água da serra
O brilho da minha terra
A transparência dos cristais.

Trago na minha bagagem

A beleza das pedras preciosas
Que enfeitam os campos dos KARAJÁS.

Viajo, junto com a AVÃ-CANOEIRO
Na matula do boiadeiro

Do Matogrosso rumo a Goiás
Que partiu deixando pra trás
O seu amor, sua paixão.

A Lagoa da Confusão
DOS BORRORÓS, dos XAVANTES
DOS KANELAS, JAVAES
XAMBIOA, quem tu és?

Me diz, por favor não minta...

SOU BOIUNA, sou MATINTA
SOU NEGRO D'ÁGUA, sou IARA

Eu sou um burliteiro
Carregado de araras.

Sou o colorido dos ipês
A onça preta, pintada

Aquarelando, um cenário encantado e belo

Herança inscrita em água

Tiago de Oliveira Quingosta de Sousa

Samainhas flamejantes dançam
Para os índios massacrados pela cobra do europeu
Para os negros jogados no mar depois de Aberdeen
O chão é o mesmo, o rio é o mesmo
Todavia, a estrada de fosséis é invisível

Vagas anciães dançam aos pés do menino
Que mundia a Scuri

Vagas que o envelheceram para a utilidade dos dias
Carrapateira qual foz em delta espalhou-se na alma
Misturando águas claras às estrelas de argila

Os olhos magmáticos da mãe
Espiam ao longe as peripécias do menino
Que não teme os bichos da noite, que execra o dia
E por mais que se tente abraçá-lo
Já está enovelado no manguezal de chumbo da vida

Maiyane Matarazzo

Alexandre Marcio da Silva Gouveia

Dado dia desceu do morro Vidigal
e, sem nenhum manancial,
rumou à vasta vida
com lida, ida
e lá em baixo teve de ter algo para comer
comeu com sua cuia colorida, &
esvaziada seguiu estrada
senda arriba
mexendo canelas às colinas monásticas zen, e
com um mero vanádio, numa nua mão
laborou lá sem contar então
duas décadas que
galoparam pelas gélidas garoas de gentes gaudias
até um sol soturno saltar à sua sã saia
lavada no vácuo do bb bobo
levando-a do morro
para patir pelos pincaros e papar pastéis de patos
para pocar pelas panelas de puro pó
pra saber que pra pastar atos ...
precisava Ter, e só

a ingente lua, agora, luziluzia ali na vitrine:
de silente luz do Ser, nada da Maiyane.

Acendia lanterna

Embaixo do lençol feito barraca

Pra contar a história da Isabel Tererem

Cavava piscinas fundas

Na areia da praia

Onde a gente entrava com o mar

— A palavra que dói em tudo, Cora...
Pai

Contando pra Cora

Juliana Galvão Marques Minas

— A palavra generosa e suave, Cora:
Pão

Fazia balanço de madeira e corda

Em um galho da goiabeira do quintal

Equilibrava bicicleta em uma rodinha só

Na estrada do aeroporto e no estacionamento do estádio

Descascava cana com o facão

Sentado no meio-fio

E nos dava os pedaços redondos ou compridos cortados

Escondia bala e chocolate

Nas mãos cruzadas

— Escolhei! — em que batamos — Errou!

Ensinava a genuína relação com a natureza

Cherir o ar de capim, esterco e chuva

Deixar em paz os insetos, amar as vacas e os bois

Agradecer quem nos deixava entrar nas casas de chão

vermelho

Parava o carro para piqueniques

No acostamento da BR

Ria

Com vontade larga

Nossas serlepicés

POEMAS
ADULTOS

Não é só uma menina querendo crescer,
 É uma mente querendo amadurecer,
 Ideias que querem nascer,
 Um novo mundo onde não tem para onde se esconder.
 Não é só uma garota que quer apenas dormir,
 É alguém que ama sorrir,
 Que necessita descontrair.
 Uma nova fase que serve para amizade fluir.
 Não é só uma pessoa tentando ser normal,
 É alguém fugindo do caminho mal,
 Querendo fazer experiências que ela acha legal.
 Uma nova cidadã que liga a TV e só vê tragédias no jornal.
 Não é só mais uma formiga nesse universo infinito,
 É uma criatividade querendo deixar o seu redor mais bonito,
 Colorir o céu de um sentimento esquisito.
 Um novo amor que irá transformar em um oceano, essa
 sociedade presa por um inventado mito.

Isabela Siqueira Cropinski

Stephanie

pulemos três vezes
cantemos mais cem
vida longa ao rei!
desse eterno clarão
Sol, O, Sol,
traga-nos aquele que nos aprisionou
nesse salão decadente
de musgo coberto:
Queremos ver o céu!
Queremos ver o mar!
Queremos tudo aquilo que nos faz
a falta no coração.”

A mesa, no centro da sala,
brilha, pisca, cintila;
o círculo de sal, no piso,
geme, treme, firme;
e as sombras dos seres encapuzados
giram, suspiram e cantam,
vestidas de túnicas que um dia
foram carmim,
desse jeito, assim:

“Que a alma de dentro do chão
da fumaça sagrada de Delfos
e dos astros chamados então:
Sol, Mercúrio, Vênus,
Marte, Saturno, Plutão
em nossa casa floresçam,
cuspindo poder pelo vão

das paredes ocas de pedidos,
gemidos
vindos de bocas
perdidas
nestes dias de ervas
tracas
e colheitas
levadas
pelo vento da dor:
damo-nos, agora, as mãos
e, no meu contar,

POEMAS
JUVENIS

SUMÁRIO

Poemas Juvenis

Invocação 7
Arthur Liberali Paes

Stephanie 9
Isabela Siqueira Cromptinski

Poemas Adultos

Contando pra Cora 13
Juliana Galvão Marques Minas

Maiýne Matarazzo 15
Alexandre Marcio da Silva Gouveia

Herança inscrita em água 17
Tiago de Oliveira Quingosta de Sousa

Já fui Araguaia 19
Adalberto Marcos da Silva

O pintor, o músico e o poeta 21
Marcos Antônio Campos

Ritual em preto e branco 23
André Luis Soares

Hypocrisis 27
Ricardo Lacava Bailon

Filósofo na sarjeta 29
Josafá Paulino de Lima
Lou-Salomé

Finito 31
Ary Wanderley de Carvalho Junior

LetrasdoCerrado

EDITORA UNIVERSITÁRIA



Antologia 2017

POEMAS

Prêmio
Hor do Ipe



Ulysses Rocha Filho
Maria José dos Santos
(Orgs.)